

180 ANOS DE *A SITUAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA NA INGLATERRA*: ATUALIDADE DA OBRA DE ENGELS

Natália Ayres¹
 Andreyson Silva Mariano²
 Raquel Dias Araujo³
 Karine Martins Sobral⁴

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo central refletir sobre a atualidade da obra *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, de Friedrich Engels, que retrata o período da Revolução Industrial (1760-1850), publicada originalmente em 1845, à luz das discussões promovidas pelo Grupo de Estudos *A nova configuração da classe trabalhadora no Brasil*. Parte-se da leitura imanente da obra e do reconhecimento de que, mesmo após 180 anos, os elementos estruturais denunciados por Engels permanecem evidentes nas relações sociais de produção contemporâneas, em especial nas condições de vida e trabalho da classe trabalhadora. As continuidades basilares do modo de produção capitalista, como a alienação, a exploração, a precarização e a negação de direitos, revelam a atualidade do diagnóstico de Engels, sobretudo no contexto de crise estrutural do capital e reconfiguração do proletariado no século XXI.

Palavras-chave: Trabalhadores(as). Capitalismo. Trabalho. Precarização. Engels.

180 YEARS OF *THE CONDITION OF THE WORKING CLASS IN ENGLAND*: ENGELS WORK AND ITS CONTEMPORARY RELEVANCE

Abstract:

This article aims to reflect on the contemporary relevance of Friedrich Engels *The Condition of the Working Class in England*, which portrays the period of the Industrial Revolution (1760-1850) and was originally published in 1845, in light of the discussions promoted by the Study Group *The New Configuration of the Working Class in Brazil*. The analysis is based on an immanent reading of the work and on the recognition that, even after 180 years, the structural elements denounced by Engels remain evident in contemporary social relations of production, particularly in the living and working conditions of the working class. The fundamental continuities of the capitalist mode of production, such as alienation, exploitation, precarization, and the denial of rights, reveal the enduring relevance of Engels' diagnosis, especially within the context of the structural crisis of capital and the reconfiguration of the proletariat in the 21st century.

Keywords: Workers. Capitalism. Labor. Precarization. Engels.

¹ Professora do Instituto Federal do Ceará (IFCE), *campus* Canindé. Doutorado e Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Especialização em Psicologia Educacional pela UNIASSELVI e Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). ORCID: 0000-0001-9418-0871. Email: natalia.silva@ifce.edu.br.

² Professor da Rede Básica de Ensino do Ceará e Professor Temporário do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará, Mestrado e Graduação em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Especialização em Ciência Política pela Faculdade Cândido Mendes, Graduação em Filosofia e Sociologia pela UNIASSELVI. ORCID: 0000-0001-6680-0359. Email: andreyson_sm@hotmail.com.

³ Professora Associada do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará. Pós-doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Doutorado e Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). ORCID: 0000-0002-6880-2419. Email: raquel.dias@uece.br.

⁴ Professora Adjunta da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Doutorado e Mestrado em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Especialização em Supervisão e Gestão Escolar pela UNIFA7 e Graduação em Pedagogia pela Universidade Sete de Setembro. ORCID: 0000-0001-5406-5318. Email: karineufma2013@gmail.com.

Introdução

Friedrich Engels nasceu em 28 de novembro de 1820, em Barmen, na região da Renânia, Alemanha. Era o primogênito de uma família de oito filhos, filho de um rico industrial têxtil, também chamado Friedrich Engels, e de Elizabeth Franziska Mauritia van Haar, mulher culta e de espírito refinado. Desde jovem, Engels revelou talento para idiomas, música, poesia e desenho, além de uma inclinação intelectual marcada por interesses literários e filosóficos (Netto, 2010).

Em 1837, após concluir sua formação secundária, foi enviado por seu pai a Bremen, com o objetivo de se preparar para a carreira empresarial. Lá, entre 1838 e 1841, conciliou atividades comerciais (que desprezava) com leitura intensa, prática de exercícios físicos e suas primeiras contribuições à imprensa. Depois, passou um tempo em Berlim, servindo no exército e frequentando cursos universitários. Durante essa fase, aproximou-se do pensamento de Feuerbach, da esquerda hegeliana e dos Livres de Berlim (grupo de intelectuais liberais), adotando gradualmente uma perspectiva materialista e comunista.

Em novembro de 1842, foi enviado pelo pai à Inglaterra, para estagiar na empresa Ermen & Engels, em Manchester. A experiência na cidade industrial foi transformadora: observando as condições de vida da classe operária, Engels adotou definitivamente a posição comunista, envolvendo-se com o movimento cartista⁵ e com publicações operárias. Neste período, também iniciou seu relacionamento com Mary Burns, operária irlandesa que o introduziu nos meios proletários.

Retornando à Alemanha em 1844, passou por Paris, onde teve seu segundo encontro com Karl Marx - nascia ali uma das parcerias mais importantes da história do pensamento revolucionário. Engels havia se encontrado com Marx dois anos antes, em 1842, ocasião em que visitava o jornal com o qual Marx colaborava na época e se tornaria redator posteriormente, Gazeta Renana. Engels concluiu, ainda em 1845, sua principal obra juvenil: *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*.

Durante os anos seguintes, envolveu-se ativamente com o movimento revolucionário europeu, participou da Liga dos Comunistas e, em conjunto com Marx, redigiu

⁵ O movimento cartista (1838-1857), surgido na Inglaterra industrial, foi a primeira grande mobilização política da classe trabalhadora. Reivindicava, por meio da Carta do Povo (1838), direitos como sufrágio universal masculino, voto secreto, pagamento aos parlamentares e eleições anuais.

180 ANOS DE A SITUAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA NA INGLATERRA...

Natália Ayres / Andreyson Silva Mariano / Raquel Dias Araujo / Karine Martins Sobral

o *Manifesto do Partido Comunista* (1848). A derrota das revoluções de 1848-1849⁶ levou Engels ao exílio na Inglaterra. Em Manchester, voltou a trabalhar na empresa familiar, o que lhe permitiu apoiar financeiramente Marx durante muitos anos, além de manter-se produtivo intelectualmente.

Em 1870, mudou-se para Londres, onde viveu até o fim da vida. Após a morte de Marx em 1883, Engels dedicou-se à publicação dos volumes II e III de *O Capital*, organizando os manuscritos deixados por seu amigo. Nos últimos anos, atuou como conselheiro político do movimento operário europeu, colaborando com a formação da Segunda Internacional (1889)⁷.

Friedrich Engels faleceu em 5 de agosto de 1895, vítima de um câncer no esôfago. Conforme sua vontade, suas cinzas foram lançadas ao mar de Eastbourne, após uma cerimônia privada com poucos amigos e companheiros. Engels, ainda que tenha se colocado como “segundo violino” ao lado de Marx, é reconhecido, nas palavras de Florestan Fernandes, citado por Netto (2010, p.18), como um pensador de luz própria, cuja contribuição à crítica do capitalismo segue fundamental.

Assim, o legado de Engels não se limita a uma atuação secundária ao lado de Marx, mas representa uma contribuição original e necessária para o entendimento crítico das contradições do capitalismo e de suas metamorfoses históricas. É justamente a partir dessa herança intelectual que se inscreve o presente artigo, resultante das reflexões desenvolvidas no Grupo de Estudos *A nova configuração da classe trabalhadora no Brasil*, em caráter interinstitucional, sendo desdobramento de uma pesquisa cadastrada junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. O grupo reúne docentes de diferentes instituições e tem como objetivo investigar a situação da classe trabalhadora no Brasil, no contexto de crise estrutural do capital⁸, com vistas à compreensão de sua nova configuração quanto ao seu perfil, suas condições de vida e trabalho, a sua forma organizativa e os impactos da crise sobre a educação da classe trabalhadora. A escolha da obra de Engels como ponto de partida se justifica pela atualidade de sua análise: mesmo 180 anos após sua

⁶ As revoluções de 1848-1849, conhecidas como Primavera dos Povos, foram uma série de levantes populares e liberais ocorridos em diversos países europeus, que reivindicavam liberdade política e direitos sociais.

⁷ A Primeira Internacional foi fundada em 1864.

⁸ A crise estrutural do capital, segundo Mészáros (2011), refere-se a uma crise profunda e permanente do sistema capitalista, afetando não somente a esfera econômica, mas todos os complexos sociais. Diferentemente das crises cíclicas, que o capitalismo consegue superar temporariamente, tal crise se configura de forma perene sem que o capitalismo consiga atingir novamente os mesmos patamares anteriores.

180 ANOS DE A SITUAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA NA INGLATERRA...

Natália Ayres / Andreyson Silva Mariano / Raquel Dias Araujo / Karine Martins Sobral

publicação, muitos dos aspectos denunciados permanecem presentes nas relações contemporâneas de produção e nas condições de vida dos trabalhadores(as). Da mesma forma, a obra nos ensina sobre o método de análise empregado por seu autor. Com encontros semanais e metodologia de leitura imanente, o grupo tem realizado elaborações coletivas, identificando que *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* permanece relevante para entender não apenas o passado da classe operária, mas também seus desafios atuais, como a precarização, a alienação, a desigualdade e os impactos da reestruturação produtiva.

Vários(as) autores(as) se debruçaram sobre as leis que regem o modelo de produção capitalista, pautado na exploração do trabalho pelo capital. Do início da idade moderna aos dias atuais, o capitalismo sofreu inúmeras transformações que se refletem na organização do trabalho e, conseqüentemente, na configuração da classe trabalhadora e nas formas de luta. Com o processo de mundialização do capital⁹, acirramento do imperialismo, alto desenvolvimento da tecnologia, atrelado à crise estrutural do capital, o proletariado sofreu mudanças significativas da sua configuração. A leitura da obra *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, de Engels (2010), possibilita a compreensão de que, apesar dessas transformações, a contradição fundamental entre capital e trabalho permanece sendo o motor da luta de classes e que a classe trabalhadora continua sendo o sujeito histórico do processo de transformação social.

A importância da obra: 180 anos depois

A partir da apresentação de Netto (2010), que destaca com rigor analítico aspectos fundamentais da obra, e de nossos estudos, reafirmamos a importância histórica e teórica da obra. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, de 1845, expressa um conjunto de denúncias do processo de exploração e pauperização a que era submetida a classe trabalhadora pela burguesia inglesa no contexto da Revolução Industrial. Com vasta documentação, relatórios, notícias, descrições in loco frutos da presença e convivência de Engels com os trabalhadores(as), o véu de hipocrisia da burguesia é desvelado. As ações do Estado burguês, cúmplice de sua classe, procuram reprimir ou coagir os explorados diante de precárias condições de vida.

⁹ Expansão global do capital na qual os Estados-nação dos países periféricos perdem sua autonomia, num processo de integração desigual no qual os países desenvolvidos se beneficiam em detrimento dos países marginalizados. Conferir Octavio Ianni em *A mundialização do capital*.

180 ANOS DE A SITUAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA NA INGLATERRA...

Natália Ayres / Andreyson Silva Mariano / Raquel Dias Araujo / Karine Martins Sobral

No entanto, com a expansão do capitalismo industrial fica evidente na obra que o problema do proletariado inglês não se resumia ao local ou nacional, era um problema internacional. Esse entendimento já se encontra na própria forma como o autor se refere à classe operária como um conjunto e não dividido em ramos de trabalho.

Aos 24 anos de idade, Engels empreende uma análise das transformações do capitalismo industrial e seus impactos para a vida da classe trabalhadora inglesa e os imigrantes vivendo em condições desumanas, percebendo que o protagonismo revolucionário do movimento operário permanecia presente mesmo quando eram submetidos às condições de miséria e insalubridade extremas.

Podemos afirmar que o estudo empreendido por Engels sobre a classe operária da época se configurou como uma análise de importância singular, centrada na dialética entre as transformações promovidas pelo capitalismo industrial e a atuação do proletariado frente a essa conjuntura marcada pela exploração capitalista.

O espaço social inglês, conhecido como “oficina do mundo” (Netto, 2010, p.23), devido à sua capacidade produtiva, evidencia os germes das contradições do sistema: crises cíclicas e depressivas, polarização entre capital e trabalho, urbanização segregacionista e políticas sanitárias opressivas que generalizavam doenças, insalubridade e má alimentação. Nada disso escapou ao olhar atento e indignado descrito por Engels nesse ensaio de elementos de etnografia da classe trabalhadora, ligando-se a um conjunto de outras fontes de pesquisa e aliando teoria e empiria.

Destacamos que essa experiência, de caráter descritivo, empírico e teórico, esteve estreitamente ligada à militância do jovem Engels. A obra que ele produziu e sua trajetória de luta ao lado da classe trabalhadora evidenciam o quanto devemos agradecer ao seu pai por tê-lo enviado para Manchester em 1842 e pela frustração dos planos de prepará-lo para administrar os negócios da família.

A exploração burguesa sobre a classe operária é descrita de forma tão realista que chega a causar uma grande indignação nos leitores mais críticos e sensíveis. A concentração fundiária, o êxodo rural, as péssimas condições sanitárias, a especulação nos aluguéis, a insalubridade, as doenças, a fome, a educação precária, a exploração de crianças e mulheres, a prostituição, a adulteração dos alimentos, a ação da justiça burguesa contra os(as) trabalhadores(as), nada escapa ao olhar atento e contestador de Engels.

Podemos perceber também que Engels já identificava os impactos da produção capitalista sobre o meio ambiente, destacando a poluição do ar e dos rios, a geração de resíduos e seu descarte desordenado, bem como a invasão de áreas naturais decorrente da expansão do capital. Ele também associava essas transformações à dinâmica do êxodo rural e à formação do exército industrial de reserva, que se refletia em uma arquitetura urbana marcada por espaços sociais superlotados, como cômodos e dormitórios precários. Aquilo que a burguesia negligencia e procura ocultar, Engels revela e denuncia, posicionando-se firmemente ao lado daqueles que sofrem com a exploração e o descaso tanto da classe dominante quanto do Estado burguês na Inglaterra.

Ao assumir a posição de defesa dos interesses da classe trabalhadora, Engels destacou que o principal resultado da Revolução Industrial, como será discutido na próxima seção, foi o surgimento do proletariado inglês. Para a elaboração de sua obra, Engels conviveu durante 21 meses com os trabalhadores(as), tendo sua inserção social facilitada pela trabalhadora irlandesa Mary Burns. O encontro de Engels, e de Marx, com a classe trabalhadora “[...] não originou apenas uma perspectiva de análise; também levou a um compromisso vitalício com as lutas da classe trabalhadora” (Mattos, 2019, p.21), evidenciando como sua experiência empírica e teórica se consolidou em engajamento político e social.

Quando nasce uma classe: a formação da classe trabalhadora inglesa sob o capitalismo industrial

Engels (2010), em sua obra *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, já nos brindava com uma análise lúcida sobre as condições de vida e trabalho da classe trabalhadora sob o modo de produção capitalista no país que foi o berço da Revolução Industrial, a qual, nas palavras de Engels (2010, p.58-59), “teve para a Inglaterra a mesma importância que a revolução política teve para a França e a filosófica para a Alemanha” e acrescenta que o “fruto mais importante dessa revolução industrial, porém, é o proletariado inglês”.

Vale a pena ressaltar que Engels (2010, p.64), na contramão de historiadores liberais (David Landes, Peter Mathias), coloca a formação da classe trabalhadora como questão central advinda da revolução industrial e, consequentemente, de consolidação do

180 ANOS DE A SITUAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA NA INGLATERRA...

Natália Ayres / Andreyson Silva Mariano / Raquel Dias Araujo / Karine Martins Sobral

modo de produção capitalista. Em suas palavras: “[...] a grande indústria criou a classe operária [...]”. O autor reconhece a primazia da classe trabalhadora no desenvolvimento das forças produtivas, uma vez que, a partir disso, conquistamos um novo patamar de desenvolvimento enquanto humanidade. Os historiadores liberais ocultam a importância da classe trabalhadora e coloca nas máquinas e invenções a principal conquista da Revolução Industrial, obnubilando que é a classe trabalhadora que produz toda a riqueza material.

Passados 180 anos da publicação, percebemos o quanto a obra continua atual em relação aos aspectos fundamentais da sua análise, a saber, de que sob o modelo capitalista, a classe trabalhadora precisa vender a força de trabalho para sobreviver, pois, como bem acentuou Engels (2010, p. 96), ao se referir aos proprietários afirmava que estes, em contrapartida, “explorando a miséria dos operários, minando a saúde de milhares de pessoas e enriquecendo-os apenas a eles [...]”, os tratava como “puro e simples instrumento, como coisa”. Ele conseguiu enxergar também que a exploração da classe trabalhadora estava alicerçada no poder do Estado, ao afirmar que tudo “[...] que o proletariado necessita, só pode obtê-lo dessa burguesia, cujo monopólio é protegido pela força do Estado”. Dessa forma, Engels caracteriza o proletariado como “[...] escravo da burguesia, que dispõe sobre ele um poder de vida e morte” (Engels, 2010, p. 118).

Assim, partindo dessa análise geral de Engels (2010), que localiza bem a origem da classe operária no nascimento da indústria na Inglaterra, é fundamental examinar como a concorrência, as crises cíclicas do sistema metabólico do capital e modo de organização do trabalho vão influenciando a forma de ser da classe ou a morfologia da classe trabalhadora, buscando compreender seus processos formativos e organizativos.

Apesar das muitas transformações ocorridas no interior da classe trabalhadora, ao longo da história, assumimos a hipótese marxiana/engelsiana de que a sociedade capitalista é dividida, fundamentalmente, em duas grandes classes antagônicas, a burguesia, proprietária dos meios de produção, e o proletariado, proprietário da força de trabalho, nos termos conceituado por Engels, na nota à edição inglesa de 1888 do *Manifesto Comunista* (Marx; Engels, 2005, p. 40):

Por burguesia entende-se a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social que empregam o trabalho assalariado. Por proletariado, a classe dos assalariados modernos que, não tendo meios próprios de produção, são obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviver.

Engels (2010, p. 41) destaca no *Prefácio* da obra a importância de analisar a situação da classe trabalhadora, que, segundo ele, seria “a base real e o ponto de partida de todos os movimentos sociais de nosso tempo porque ela é, simultaneamente, a expressão máxima e a mais visível manifestação de nossa miséria social”.

As condições em que os(as) trabalhadores(as) viviam e trabalhavam, em geral, eram tão insalubres que Engels (2010, p.69-70) denominou essas condições de guerra social contra a “classe que nada possui”, podendo levá-la, inclusive ao seu “assassinato social”.

Engels (2010, p.64) aponta diferentes categorias de proletários: os operários industriais, os operários mineiros (carvão e metais) e os agrícolas, sendo os primeiros com maior nível de consciência de seus interesses. O autor chama atenção para “A tendência centralizadora da indústria” (2010, p. 64), uma vez que, uma indústria aglutina muitos operários que vão precisar morar próximos formando vilas. Com o desenvolvimento de toda uma infraestrutura que faça funcionar a indústria vão-se construindo grandes cidades.

Ao descrever os modos de vida do operário industrial quanto à habitação, ao vestuário e à alimentação, nos dá a sensação de estar relatando as periferias dos grandes centros urbanos de nossa época. Em suas palavras,

Todas as grandes cidades têm um ou vários “bairros de má fama” onde se concentra a classe operária. É certo ser frequente a miséria abrigar-se em vielas escondidas, embora próximas aos palácios dos ricos; mas em geral, é-lhe designada uma área à parte, na qual, longe do olhar das classes mais afortunadas, deve safar-se, bem ou mal, sozinha. Na Inglaterra, esses “bairros de má fama” se estruturam mais ou menos da mesma forma que em todas as cidades: as piores casas na parte mais feia da cidade; quase sempre, uma longa fila de construções de tijolos, de um ou dois andares, eventualmente com porões habitados e em geral dispostas de maneira irregular (Engels, 2010, p. 70).

Engels faz uma longa descrição detalhada acerca das habitações em quem vivem os operários por entender que “[...] o modo como é satisfeita a necessidade de um teto é critério que nos permite saber como são satisfeitas as outras necessidades [...]”. Para ele fica fácil concluir que nessas péssimas moradias, as condições de vestimentas dos operários e sua alimentação são tão miseráveis quanto. Além de andarem esfarrapados, o vestuário “[...] é pouco adequado ao clima [...]”, frio e com quedas de temperatura bruscas e imprevisíveis (Engels, 2010, p. 107). Assim como,

O que é verdade para o vestuário, é-o também para a alimentação. Aos trabalhadores resta o que repugna à classe proprietária. Nas grandes cidades da Inglaterra, pode-se ter de tudo e da melhor qualidade, mas a preços proibitivos e o operário, que deve sobreviver com poucos recursos, não pode pagá-los (Engels, 2010, p. 109).

Ao discorrer acerca dos trabalhadores das minas de ferro e carvão, o autor traz dados sobre como esse ofício afeta a saúde desses indivíduos, salvo as devidas diferenças, é notório que cada ramo de trabalho atualmente gera diferentes adoecimentos nos trabalhadores a depender do que é exigido no desempenho de sua função laboral. Engels (2010, p. 279) demonstra através dos relatórios produzidos na época que

A primeira consequência desse excesso de trabalho é que toda a energia do trabalhador é utilizada unilateralmente, com a hipertrofia de certas partes do corpo, precisamente as mais exigidas no trabalho (músculos dos braços, pernas, espáduas e tórax, empregados no esforço de tração e de impulsão) e a atrofia do conjunto do organismo, até pela falta de alimentação. [...] Além de tudo isso, os mineiros ocupados em galerias e poços apresentam doenças específicas, causadas pelas condições de trabalho.

Acerca da especificidade do proletariado que se formou no campo, esses foram arruinados: deixaram de ser proprietários e se tornaram trabalhadores agrícolas. As condições de vida para essa população mudaram drasticamente. É impressionante notar como as relações contratuais de trabalho daquele período guardam semelhanças marcantes com as que ainda persistem na atualidade. No Brasil, vivemos uma fase de conquistas de direitos da classe trabalhadora: carteira de trabalho, décimo terceiro, férias etc. e todos esses direitos foram sendo perdidos paulatinamente, até chegarmos aos pagamentos por diária e de acordo com a produção, como acontece nos ramos de serviços. Engels (2010, p.294), ao citar a realidade dos jornaleiros, trabalhadores agrícolas que trabalhavam por diária, nos elucida essa realidade:

Os homens são quase todos jornaleiros, que proprietários e os arrendatários só ocupam quando precisam e, portanto, não têm nenhum trabalho por semanas inteiras, especialmente no inverno. Enquanto vigiam as relações patriarcais, os trabalhadores e suas famílias moravam na propriedade e ali cresciam seus filhos e era natural que o proprietário tratasse de ocupá-los; o emprego de jornaleiros era a exceção, não a regra, e consideradas as coisas com rigor, na propriedade havia mais trabalhadores que o necessário – daí o interesse do proprietário, ou arrendatário, em liquidar aquelas relações, expulsando o trabalhador da terra e transformando todos em jornaleiros.

Ao tratar da concorrência, Engels examina os seus rebatimentos sobre a relação dos(as) trabalhadores(as) entre si - uma expressão da incessante “guerra de todos contra todos que impera na moderna sociedade burguesa” (Engels, 2010, p.117). A disputa entre trabalhadores(as), além de trazer consequências diretas nas suas condições de vida, é uma

180 ANOS DE A SITUAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA NA INGLATERRA...

Natália Ayres / Andreyson Silva Mariano / Raquel Dias Araujo / Karine Martins Sobral

importante arma da burguesia para o aumento da sua exploração e controle sobre eles, tendo em vista que contribui para a redução dos salários e para a divisão da classe.

Engels (2010, p.118) denuncia também a falsa liberdade contratual entre operário e patrão, demonstrando a ilusão de escolha: “[...] Bela liberdade, que deixa ao proletariado, como alternativa à aceitação das condições impostas pela burguesia, a chance de morrer de fome, de frio, de deitar-se nu e dormir como animal selvagem”.

No capitalismo, o trabalhador não é mais um escravo legalmente pertencente a um senhor, como nas sociedades escravistas. Em tese, ele é “livre” para vender sua força de trabalho no mercado. Contudo, essa liberdade é somente formal, pois ele não possui os meios de produção nem outra forma de sobrevivência. Ele é reduzido a uma mercadoria, que pode ser facilmente descartada ao bel-prazer da burguesia, com vistas à manutenção ou à ampliação de lucros.

Engels (2010) também trata das consequências devastadoras das crises do capitalismo para a classe trabalhadora, com o aumento do desemprego e da miséria. A reserva de trabalhadores(as) desempregados(as), que Marx vai conceituar como “exército industrial de reserva”, se torna maior ou menor dependendo da situação do mercado, incluindo os momentos de crises.

Na sua análise sobre as causas e os efeitos da imigração irlandesa, destaca como os imigrantes pobres foram levados a migrar em massa para a Inglaterra devido à miséria extrema em sua terra natal. Embora os descreva em termos muitas vezes duros e impregnados de estigmas da época, como “brutais” ou “alcoólatras”, Engels (2010, p.134) reconhece que essa condição de degradação social é resultado da opressão e exploração, como podemos perceber no seu questionamento: “Como poderia ser diferente? Como pode a sociedade - que o relega a uma situação em que se tornará alcoólatra quase por necessidade, deixa-o embrutecer-se e não se preocupa com ele - acusá-lo quando, de fato, ele se torna um bêbado?”. Ou seja, o embrutecimento dos trabalhadores irlandeses, e dos ingleses, é consequência da própria sociedade capitalista, que os conduz a condições precárias e, muitas vezes, indignas de vida, e não resulta de uma falha individual.

Apesar de todas essas adversidades, Engels (2010, p. 161), também, pontua que o desenvolvimento industrial e das grandes cidades foram o “berço do movimento operário”. Assim, é possível, por meio da sua organização como classe, salvar sua humanidade, “rebelando-se contra a burguesia, contra a classe que o explora tão impiedosamente e depois o

180 ANOS DE A SITUAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA NA INGLATERRA...

Natália Ayres / Andreyson Silva Mariano / Raquel Dias Araujo / Karine Martins Sobral

abandona à sua sorte, contra a classe que busca obrigá-lo a permanecer nessa situação indigna [...]” (Engels, 2010, p. 156).

180 anos depois: a obra de Engels e o trabalho precarizado contemporâneo

Passados 180 anos em que Engels escreveu a obra *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, será que podemos ainda encontrar no trabalho precarizado de hoje pontos de convergência com o trabalho industrial do século XIX?

A leitura contemporânea da obra de Engels, desenvolvida no Grupo de Estudos, e os trabalhos de Mattos (2019) e Antunes (2009, 2018, 2020, 2021) evidenciam que muitos dos problemas denunciados em 1845 continuam presentes, ainda que sob novas formas. Essas análises contribuem para a compreensão da nova morfologia da classe trabalhadora, destacando sua heterogeneidade e sua condição de sujeito social capaz de superar a sociedade de classes. A nova configuração do proletariado, tema central do grupo de estudos, evidencia que os trabalhadores do século XXI continuam vendendo sua força de trabalho sob intensa exploração, agora ampliada pelas plataformas digitais e pela reconfiguração produtiva do capital, manifestando-se por meio da invisibilização, fragmentação, uberização e terceirização.

A crise do capital que persiste na atualidade não foi acidental nem conjuntural; ela emerge do movimento acumulativo do capitalismo ao longo de sua trajetória. Trata-se de uma crise estrutural, como explicitada por Mészáros (2002), com consequências profundas para toda a humanidade, em todas as esferas (econômica, política e social).

Os primeiros sinais dessa crise surgiram na década de 1970: queda da taxa de lucro, esgotamento do fordismo, hipertrofia financeira, concentração oligopolista, crise do welfare state e privatizações (Antunes, 2009). A crise do fordismo e do keynesianismo revelou a racionalidade destrutiva do capital e a tendência ao decréscimo da taxa de lucro (Antunes, 2009).

Diante dessa situação, o capital precisou se reorganizar. Entre as respostas a essa crise, estão o neoliberalismo e a reestruturação produtiva da era da acumulação flexível, acarretando profundas mutações no interior do mundo do trabalho. Dentre elas, Antunes (2009) menciona o enorme desemprego estrutural, o crescente contingente de trabalhadores(as) em condições precarizadas, além da ampliação da degradação da natureza.

180 ANOS DE A SITUAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA NA INGLATERRA...

Natália Ayres / Andreyson Silva Mariano / Raquel Dias Araujo / Karine Martins Sobral

A expansão destrutiva e predatória do capitalismo sobre as vidas e a natureza, o colonialismo imperialista, os genocídios (principalmente na Palestina), o aprofundamento das opressões, a financeirização da economia, o avanço das tecnologias digitais e o modelo de acumulação flexível não eliminaram a exploração da força de trabalho, ao contrário, seguem sendo violentamente precarizadas e desumanizadas. Mattos (2019, p.10) defende a tese central “[...] de que as grandes linhas da análise crítica do capitalismo desenvolvidas por Karl Marx e Friedrich Engels e, sobretudo, as categorias de análise “classes sociais”, “luta de classes” e “classe trabalhadora” permanecem pertinentes como caminho de compreensão do mundo em que vivemos”. No que toca ao livro de Engels, o classismo, a classe trabalhadora e seu protagonismo revolucionário e o antagonismo com a burguesia foram elementos centrais da sua análise.

Uma ideia central na obra é a da exploração burguesa sobre a classe trabalhadora. Nas suas palavras,

O proletariado é desprovido de tudo – entregue a si mesmo, não sobreviveria um único dia, porque a burguesia se arrogou o monopólio de todos os meios de subsistência, no sentido mais amplo da expressão. Aquilo que o proletário necessita, só pode obtê-lo dessa burguesia, cujo monopólio é protegido pelo Estado (Engels, 2010, p.118).

O papel do Estado burguês e suas ramificações institucionais permanecem atualmente como mecanismo garantidor do monopólio da burguesia, seja por meios violentos ou ideológicos. A exploração capitalista industrial, descrita por Engels, provoca sobre os trabalhadores uma outra prejudicial ação diante do trabalho.

Uma outra fonte da imoralidade dos trabalhadores reside no fato de eles serem os condenados do trabalho. Se a atividade produtiva livre é o máximo prazer que conhecemos, o trabalho forçado é o tormento mais cruel e degradante. Nada é mais terrível que fazer todos os dias, da manhã até a noite, um trabalho de que não se gosta. E quanto mais sentimentos humanos tem o operário, tanto mais odeia seu trabalho, porque sente os constrangimentos que implica e sua inutilidade para si mesmo. Afinal, por que trabalho? Pelo prazer de criar? Por um instinto natural? Nada disso: trabalha apenas por dinheiro, por uma coisa que nada tem a ver com o trabalho mesmo; trabalha porque é forçado a trabalhar, um trabalho exaustivo, em longas jornadas, um trabalho ininterruptamente monótono que, só por isso, para quem conserva sentimentos humanos, desde as primeiras semanas se torna uma tortura (Engels, 2010, p.158).

A citação descrita por Engels traz em si os elementos constituintes do processo de alienação dos trabalhadores provocados pelo trabalho desumanizante do capitalismo. A alienação como relação social do trabalho capitalista, que cinde produtor-produto, causando o

estranhamento, a desumanização, a perda de controle sobre o processo produtivo e o embrutecimento, encontra-se no proletariado industrial e no proletariado de serviços na era digital, no trabalho plataformizado, como descreve Antunes (2018). Esse proletariado vive com uma informalização da força de trabalho e com uma precarização de sua classe. Existe, ainda, um exército industrial de reserva, que é representado pelos desempregados e subutilizados. Um contraste com a ideologia de enaltecimento dos avanços tecnológicos. Diante do quadro de informatização e trabalho plataformizado avançam os elementos constituintes de exploração dos trabalhadores por meio de precarização do trabalho.

Tanto nos escritos de Engels (2010) quanto nos de Antunes (2018), observa-se que o enaltecimento exacerbado das tecnologias controladas pela burguesia atua como um mecanismo ideológico de ocultamento da exploração e das elevadas taxas de desemprego.

Atualmente, conforme analisa Antunes (2018), não há uma regressão da lei do valor-trabalho, mas, ao contrário, sua intensificação. Os mecanismos de extração do mais-valor são ampliados e sofisticados, incorporando novas formas de subordinação do trabalho vivo (seres humanos) ao trabalho morto (máquinas) mediado pela tecnologia, o que revela a permanência e a radicalização das contradições estruturais do capitalismo contemporâneo. As consequências desse processo são diversas e interligadas: 1) tanto o trabalho manual quanto o intelectual são superexplorados; 2) instauram-se novos mecanismos de produção de trabalho excedente; 3) forma-se um novo exército industrial de reserva; 4) consolida-se a lógica dos trabalhadores descartáveis; e 5) verifica-se a redução contínua da remuneração da força de trabalho.

O trabalho passa a assumir formas cada vez mais precarizadas, caracterizadas pela ausência de estabilidade e de direitos trabalhistas. O trabalhador transforma-se em um prestador de serviços eventual, dependente de tarefas ocasionais ou de “bicos”, sem horários fixos e fica submetido à lógica da disponibilidade permanente. Como consequência, para ampliar sua renda, precisa aumentar sua jornada de trabalho, como ocorre com os chamados trabalhadores “uberizados”. O Brasil tem mais de 2 milhões de pessoas trabalhando para aplicativos, entre motoristas e entregadores. Dados da segunda edição de uma pesquisa do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap), em parceria com a Associação

180 ANOS DE A SITUAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA NA INGLATERRA...

Natália Ayres / Andreyson Silva Mariano / Raquel Dias Araujo / Karine Martins Sobral

Brasileira de Mobilidade e Tecnologia (Amobitec)¹⁰, indicam que em 2024 houve um crescimento de 35% no número de motoristas e de 18% de entregadores em comparação a 2022.

A ideologia do empreendedorismo atua no sentido de responsabilizar os indivíduos por sua inserção no mercado de trabalho, deslocando do Estado a responsabilidade pela implementação de políticas públicas voltadas à geração de emprego e renda. Dessa forma, libera-se uma parcela significativa do capital para outros investimentos, ao mesmo tempo em que se mantém a passividade e a coesão social necessárias à continuidade da exploração.

Para Antunes (2018), observa-se um redesenho da classe trabalhadora, caracterizada por uma maior presença de mulheres, de pessoas negras e de imigrantes. Trata-se de uma classe mais heterogênea, fragmentada e complexa, refletindo as transformações sociais e econômicas do capitalismo contemporâneo.

O trabalho que se desenvolve hoje por meio das plataformas digitais, em sua essência, é um trabalho promotor da precarização do trabalho e das condições de vida da classe trabalhadora. Suas principais características são a individuação, a invisibilização e a prática de jornadas extenuantes sob o comando dos algoritmos, que recebem uma programação que intensifica ritmos, tempo e movimentos dos(as) trabalhadores(as). Para Antunes, (2021), entramos numa era de desantropomorfização do trabalho, com a sujeição do trabalho vivo ao trabalho morto.

Entre a classe trabalhadora descrita por Engels (2010), em 1845, e a classe trabalhadora contemporânea, há uma separação temporal de 180 anos, marcados por múltiplas crises do capitalismo e sucessivas reconfigurações de seu modo de produção. Percebe-se, contudo, que a essência da exploração capitalista permanece ancorada na lei do valor, na alienação e na superexploração, ainda que atualizada por novos mecanismos (plataformização do trabalho) e por novas ideologias (neoliberalismo) que asseguram a continuidade da dominação burguesa.

Tanto ontem quanto hoje, reafirma-se a necessidade do socialismo como horizonte estratégico para a superação do capitalismo. Independentemente da forma que

¹⁰ Disponível em:

<https://amobitec.org/cresce-35-o-numero-de-motoristas-e-18-os-entregadores-que-trabalham-com-apps-no-brasil-revela-cebrap/>. Acesso em: 24/10/2025.

180 ANOS DE A SITUAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA NA INGLATERRA...

Natália Ayres / Andreyson Silva Mariano / Raquel Dias Araujo / Karine Martins Sobral

assuma a “doença” provocada pelo capital, a “cura” reside na própria classe trabalhadora, por meio da revolução socialista.

Considerações finais

O estudo da obra *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* no âmbito do Grupo de Estudos *A nova configuração da classe trabalhadora no Brasil* permitiu resgatar a importância histórica da análise de Engels e sua impressionante atualidade. Ao narrar as condições do proletariado inglês do século XIX, Engels revela as bases estruturais do capitalismo industrial que, ainda hoje, continuam a moldar as relações sociais de produção.

A reorganização do capital expressa a continuidade da crise estrutural, deslocando os custos da crise para os(as) trabalhadores(as), precarizando as suas condições de vida. A análise de Engels, portanto, mostra-se atual ao revelar que a contradição capital-trabalho permanece como o núcleo estruturante da sociedade capitalista. A alienação, a perda da autonomia sobre o processo de trabalho e o papel do Estado como garantidor dos interesses do capital seguem presentes. A descrição das condições de vida e trabalho no século XIX ecoa nas periferias urbanas do Brasil de hoje, com desemprego estrutural, baixos salários, adoecimento físico e mental e desmonte das políticas públicas.

A metodologia de leitura imanente da obra, aliada às discussões coletivas e à articulação com autores contemporâneos, demonstrou que os problemas enfrentados pela classe trabalhadora são de natureza estrutural e internacional. A obra de Engels, com sua riqueza empírica e densidade teórica, continua sendo uma ferramenta fundamental para a compreensão crítica do mundo do trabalho.

Mesmo passados 180 anos, os traços da exploração, alienação, miséria e precarização persistem. A luta da classe trabalhadora por melhores condições de vida, trabalho e educação, continua sendo atual, e Engels permanece como referência teórica e política para a construção de alternativas ao modo de produção capitalista.

Referências Bibliográficas

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 14	n. 38	Setembro – Dezembro 2025	p. 51 - 66
--------------------------	--------	-------	--------------------------	------------

180 ANOS DE A SITUAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA NA INGLATERRA...

Natália Ayres / Andreyson Silva Mariano / Raquel Dias Araujo / Karine Martins Sobral

ANTUNES, Ricardo. Capitalismo de plataforma e desantropomorfização do trabalho. In: GROHMANN, Rafael (Org.). **Os laboratórios do trabalho digital**: entrevistas. São Paulo: Boitempo, 2021.

ANTUNES, Ricardo (org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: Ensaio sobre a Afirmação e a Negação do Trabalho. 2.ed., 10. reimpr. rev. e ampl. São Paulo: Boitempo, 2009.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução de B. A. Schumann. Supervisão, apresentação e notas de José Paulo Netto. Edição revista. São Paulo: Boitempo, 2010.

MATTOS, Marcelo Badaró. **A classe trabalhadora**: de Marx ao nosso tempo. São Paulo: Boitempo, 2019.

NETTO, José Paulo. Apresentação. In: ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução de B. A. Schumann. Supervisão, apresentação e notas de José Paulo Netto. Edição revista. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. Organização e introdução de Osvaldo Coggiola. 4. ed. São Paulo: Boitempo, 2005.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. Tradução de Paulo Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2002.